

## Clima urbano de um sol rural

Minha caminhada ofegante revelava uma certeza: chegar. O sol naquela manhã fria, o mesmo sol de sempre, recém tangenciava o horizonte e propositalmente ao seu encontro íamos.

Íamos porque nem ele e nem eu sabíamos ao certo como seria aquela manhã, mesmo que no meu íntimo a sempre presente confiança retumbava em passadas firmes rumo ao incerto. Enfim, lá eu estava e o frio, assoviando, beijava o suor do meu rosto.

Do mesmo grau em que se apresentava o sol do Pampa, apareciam, em pares, pequenos sóis com os quais minha esperança vinha e ia-se. É interessante a capacidade humana em acreditar, às vezes até de forma supersticiosa, em números. Mais dois. Mais cinco. Enfim, mochila ao chão e a coluna retomava vigor. Eu, que sempre tivera dificuldade em lembrar letras de música, levava fones de ouvido que me faziam companhia. Força do acaso, quinze minutos fora um bom tempo de espera.

\_ Bom dia! Pra onde?

\_ Bom dia, senhor! Vou em direção a Rio Grande... Qualquer coisa no caminho é bem-vindo.

\_ Sobe aí!

Com um salto, agarro a mochila e a me dirijo à porta. O lugar é pouco mas, nossa vontade, a deles em me ajudar e a minha em chegar, é grande. De mochila no colo, o carro retomou seu caminho pela asfalto.

\_ É de Bagé?

\_ Sim... moro ali perto da rodoviária.

Percebi que eles não vinham da cidade. Vinham do horizonte.

\_ Nós somos do Alegrete.

Do Alegrete. Eu, que já tinha estado por lá, fiquei me imaginando histórias e cenas possíveis. Perguntei de onde exatamente, mostrando que sim, que lá havia estado. Esse tipo de conexão a que nos permitimos quando falamos com alguém que conhece nosso lugar de partida é sempre agradável a essa classe de microambiente e suas formalidades.

Depois de um breve silêncio, algum comentário que outro. O chimarrão, desta vez convocado como mate, fora oferecido. Assim, entre passadas de cuia a prosa se umedece e se colore de tons amigáveis. A mochila sempre em cima de mim não era um problema e, se fora, não poderia aparentar.

\_ Desculpa. É que o bagageiro tá cheio...

Quem é capaz de reclamar em uma situação como essa? Minutos a noventa por hora e uma parada. O destino nos instava à despedida. Eu, muito agradecido de fato, descí. Procurei um bom lugar para me estacionar e estratégico, ao mesmo tempo, para descarregar o peso. Em curva, a família recém-conhecida e que, sem dúvida, nunca mais fora ver, ia-se. Abanos e sorrisos.

Trevos, pardais e postos policiais sempre frequentei.

Retomei os fones de ouvido e atenção ao horizonte. Os primeiros carros se sói contar. Não sei se isso é sadio, mas era como um costume solitário. De repente, freia uma caminhonete tipo urbano.

\_ Opa!? Pra onde?

\_ Rio Grande é meu destino... O senhor vai pra onde?

\_ Pelotas... Sobe aí!

A mochila e eu nos separamos. Viagens diferentes ao mesmo lugar. O senhor, nem tão senhor assim, parecia gentil, ou gente boa, como se diz.

\_ Pra Rio Grande, gaúcho?! Fazer o que pra lá?

Nunca me identifiquei muito com esse vocativo, mas, como que em um movimento involuntário, um ímã que nos atrai ao polo oposto, respondi, com o melhor sotaque nativo que conseguira reproduzir:

\_ Mas o senhor sabE, tô tirando facultadE por lá...

\_ Olha só! Eu sabia que não podia deixar um cristão na mão...

Espero que ele não tenha percebido a ironia do meu instantâneo sinal da cruz.

Nisso, o assunto se transformou em um filho que estudava em Santa Maria, em uma filha que recém tinha casado. Histórias. Da minha parte, gosto de misturar mentiras com verdades e ir recontando o que fiz e quem sou.

\_ E esse chimarrão aí?

Entendi a indireta. Me agradou.

\_ Pois, vamos a ele. - Aqui mostrei um pouco de elegância, afinal eu era universitário.

\_ Mas, o senhor sabe que essa erva é castelhana... Tudo bem?

Curioso recebeu o primeiro. Logo o segundo, o terceiro... Conversa adentro e estrada afora. Pelotas se fez perto, ao passo que o tempo se mostrava generoso. Minutos depois já estávamos envolvidos pelo clima urbano.

\_ Quer que eu te deixe em algum lugar? Eu vou até a avenida Bento...

\_ Olha... aqui tá bom.

Sob uma manhã plena, as luzes vermelhas do sinal, gêmeas como os sóis de mais cedo, precipitaram minha despedida quase que mal agradecida que mais pareceu, visto de hoje, uma mal agradecida quase que despedida. Já com os fones de ouvido recolocados, com um golpe só bati a porta e ganhei a cidade.